

O papel do leitor pela Teoria da Argumentação na Língua

Cláudio Primo Delanoy

Doutorando em Lingüística Aplicada na PUCRS
<cdelanoy@hotmail.com>



Introdução

Neste trabalho propõe-se definir o papel do leitor pela Teoria da Argumentação na Língua. A justificativa para essa pesquisa encontra-se na necessidade de se explicar lingüisticamente como o leitor resgata o sentido a partir do discurso. Para tanto, utilizou-se como fundamento teórico a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot e colaboradores, mais especificamente a sua fase atual, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). De acordo com Ducrot (2005), somente o discurso é doador de sentido. Logo, a descrição do sentido deve apoiar-se no que é lingüístico. Os discursos tomados para análise foram duas fábulas de Esopo, *O gato e o galo* e *O lobo e o cordeiro*, bastante próximos quanto à estrutura da narrativa e à moral. O leitor, ao aplicar a TBS, vai poder determinar no que se aproximam e no que se afastam ambos os discursos por meio do levantamento de encadeamentos argumentativos, e com isso resgatar o sentido e cada um. Inicialmente, serão apresentados conceitos da TAL fundamentais para este trabalho. Após, virão as análises das fábulas e serão feitas algumas considerações sobre os resultados obtidos.

Teoria da Argumentação na Língua

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot e colaboradores, é uma teoria estruturalista para a qual o sentido é construído na e pela língua, e que o sentido é argumentativo. A TAL tem como base os princípios estruturalistas de signo, de relação e de língua e fala, embora modificados. Signo, para Ducrot, é uma entidade abstrata que somente se define quando entra em relação com outros signos. Na TAL, o signo é a frase, também abstrata, dotada de significação – conjunto de instruções abertas (não pré-existentes) que dependem do enunciado para se chegar ao sentido. À concretização da frase denomina-se enunciado, que tem como valor semântico o sentido. A um conjunto de enunciados articulados é dado o nome de discurso, entidade observável de nível complexo.

Os conceitos saussureanos de língua e fala são modificados por Ducrot. Para o lingüista, língua e fala são

inseparáveis. O sistema, correspondente à frase para a TAL, necessita do uso para que o sentido seja completado. É no uso da língua que os falantes encontram o sentido do enunciado.

A TAL é também enunciativa, pois é uma teoria do uso da língua. Dessa maneira, prevê um locutor produzindo um enunciado (ou discurso) a um interlocutor. Locutor é o ser responsável pelo enunciado e no qual se marca ao produzir *eu*, *aqui* e *agora*. Interlocutor é o destinatário do enunciado. Locutor e interlocutor são seres discursivos, abstratos, e não devem ser confundidos com seres reais. Ao surgimento do enunciado, Ducrot denomina enunciação. Para o lingüista, o enunciado descreve a enunciação, chegando a afirmar que o sentido do enunciado é a descrição da sua enunciação (DUCROT, 1987, p. 172). Essa descrição envolve o locutor, o interlocutor, o enunciado e os enunciadores (E). Esses últimos não têm palavras, mas suas “vozes” estão implícitas no enunciado. Essa é a base para a *Teoria Polifônica da Enunciação*, desenvolvida por Ducrot em 1988. Aos enunciadores cabe a origem dos pontos de vista frente aos quais o locutor vai tomar uma atitude. O locutor pode se identificar com um enunciador (ou assimilar-se a ele), pode concordar com outro e até mesmo opor-se a um ponto de vista. É o caso de *o táxi não chegou*. Nesse enunciado têm-se os enunciadores E1: *o táxi chegou* e E2: *o táxi não chegou*, em que o locutor se identifica com E2 e rejeita (opõe-se a) E1.

Para Ducrot, os enunciadores são argumentativos. Daí decorre que o locutor, ao tomar atitudes frente aos enunciadores, também argumenta. Assim, argumentar é expor um ponto de vista para um interlocutor. Essa exposição tem um caráter subjetivo, isto é, expressa uma visão do mundo. É dessa maneira que Ducrot descarta a objetividade na língua, mesmo relativamente à descrição. O mundo concreto pode ser tomado como tema, mas a descrição da realidade sempre será feita a partir de uma visão particular. Conforme se vê, a TAL opõe-se às concepções referencialistas da língua. Igualmente irá discordar quanto à argumentação atrelada aos fatos da realidade.

As pesquisas de Ducrot mostraram que um mesmo fato pode ser expresso por enunciados diferentes de

acordo com a situação discursiva, e que cada um desses enunciados leva a argumentações diferentes. Cita-se, por exemplo, (1) *João estudou pouco* e (2) *João estudou um pouco*. Ao enunciar-se (1) ou (2) tem-se o mesmo fato: João estudou durante um certo tempo. Contudo, (1) e (2) diferenciam-se pelas suas orientações argumentativas, que deverão indicar conclusões distintas. De (1) é possível concluir-se *portanto não vai ser aprovado*, e de (2) *portanto vai ser aprovado*. Com isso Ducrot defende que a argumentação está na língua, e não no conteúdo factual.

A TAL conta com três fases no seu desenvolvimento: a forma *standard* (1983), os *topoi* e Teoria Polifônica da Enunciação (1988) e a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS, 1992). Como este trabalho terá por base o momento atual da Teoria, é a TBS que será focalizada a seguir.

A terceira fase da TAL foi desenvolvida com a colaboração de Marion Carel, em 1992. No âmbito da TBS, o sentido de uma expressão é constituído por certos discursos que essa expressão evoca. Esses discursos são denominados encadeamentos argumentativos: dois segmentos ligados por um conector sob a forma X CON Y. Ao sentido resultante da interdependência entre os dois segmentos chama-se Bloco Semântico (BS). Por exemplo, em (3) *Está calor, vamos passear* e em (4) *Está calor, vamos ficar em casa*, o sentido de *calor* é diferente. Em (3) há um calor convidativo ao passeio, enquanto em (4) trata-se do oposto. Os conectores podem ser de dois tipos: *donc* (DC – *portanto*), formando um encadeamento de aspecto normativo; e *pourtant* (PT – *no entanto*), constituindo um encadeamento de aspecto transgressivo. Assim, o bloco semântico que articula *exercício físico* e *saúde* pode ser representado pelos encadeamentos *ele exercita-se DC vai melhorar* (normativo) e *ele exercita-se PT neg-vai melhorar* (transgressivo; *neg* representa negação).

Às entidades lingüísticas podem ser atribuídas duas argumentações. A *argumentação interna* (AI) é relativa aos encadeamentos que parafraseiam uma expressão. Exemplificando, a AI de *inteligente* pode ser representada por *difícil PT compreende*. A *argumentação externa* (AE) relaciona-se aos discursos que podem preceder ou seguir-se a uma entidade, fazendo ela mesma parte de um segmento do encadeamento. A AE de *ter pressa* pode ser traduzida por *ter pressa DC agir rapidamente*. Do mesmo modo, estabelece-se *argumentação externa ao enunciado*. Uma AE possível de *Pedro é prudente* é *Pedro é prudente DC não lhe ocorrerá nada de mal*. Também é possível estabelecer-se *argumentação interna ao enunciado*. A AI de *Pedro é prudente* resulta em *perigo DC precaução*. Nesse caso, os blocos semânticos construídos a partir dos enunciados de um discurso permitem que se explicita sua estrutura

argumentativa, ou seja, o modo como a argumentação do discurso é produzida.

Os aspectos pertencentes a um mesmo bloco semântico estabelecem, entre si, relações discursivas, denominadas *conversas*, *recíprocas* ou *transpostas* (CAREL; DUCROT, 2005, p. 40). São *conversos* os encadeamentos A CON B e A CON' neg-B,¹ em que ocorre a troca dos conectores e a negação do segundo segmento; são *recíprocos* A CON B e neg-A CON neg-B, em que são mantidos os conectores e ambos os segmentos são negados; por fim são *transpostos* A CON B e neg-A CON' B, em que há alternância dos conectores e negação do primeiro segmento.

A TBS reforça a idéia central da TAL de a argumentação estar na língua, e não integralmente nos fatos do mundo, visto que é decorrente da interdependência dos dois segmentos de um encadeamento argumentativo. Segundo a TAL, a argumentação constitui-se de marcas que o locutor deixa no enunciado ao posicionar-se a respeito de um tema para um interlocutor, constituindo o processo de enunciação. Ao interlocutor cabe a reconstrução do sentido produzido pelo locutor, questão que será tratada a seguir, ao aproximar-se o papel do interlocutor ao do leitor de um discurso.

O leitor pela Teoria da Argumentação na Língua

O leitor, pela visão da TAL, não é um leitor ingênuo. Seu olhar perante o discurso é o de um pesquisador que o vê sob uma concepção, isto é, tem um olhar teórico subjacente à leitura. Essa bagagem teórica vem da proposta da TAL de estabelecer o sentido vinculado à argumentação inerente ao discurso. Isso significa que o leitor/pesquisador recorrerá ao discurso, ou melhor, à argumentação ali presente, para resgatar o sentido. Para tanto, ele tem consciência de o discurso ser produzido por um *eu* (locutor) para um *tu* (interlocutor). O *eu*, ao produzir o discurso, vai expressar seu ponto de vista a respeito de determinado tema, isto é, segundo Ducrot, vai argumentar. E o sentido do discurso produzido está justamente no resgate dessa argumentação. Com isso, o leitor tem a tarefa de reconstruir o sentido a partir do que está expresso no discurso.

O leitor/pesquisador coloca-se na posição de interlocutor, mas não é simplesmente um destinatário do discurso. Na verdade, agrega duas funções simultâneas. O leitor/pesquisador é o *tu*/interlocutor ao produzir sentido frente ao discurso, mas também é o *tu*/pesquisador na medida em que busca explicar lingüisticamente o sentido produzido pelo *eu*, que é o resgate da argumentação do locutor. O leitor pela TAL não busca exclusivamente o

¹ CON e CON' marcam a distinção entre os conectores; *neg* representa a negação.

conteúdo do discurso, mas vai além: realiza uma leitura metalingüística ao explicitar a argumentação ali contida. Dessa maneira, o leitor/pesquisador resgata o que o locutor disse ao produzir o discurso e assim consegue explicar o sentido.

De posse da fundamentação teórica até aqui desenvolvida, segue-se com as análises das fábulas de Esopo *O gato e o galo* e *O lobo e o cordeiro*.

O gato e o galo

Um gato que tinha apanhado um galo buscava um pretexto para comê-lo. Acusou-o, então, de importunar os homens, pois suas cantorias durante a noite não os deixavam dormir. O galo respondeu que assim fazia para lhes ser útil, porque os acordava para os trabalhos habituais. O gato acusou-o, então, de ultrajar a natureza, acasalando-se com a mãe e as irmãs. O galo respondeu que só fazia isso no interesse dos donos, porque assim elas botavam ovos em quantidade. E o gato disse então: “Ora, talvez tu apresentes muitos e bons argumentos, mas eu não deixarei de comer-te”. E o devorou.

MORAL: *A fábula mostra que uma natureza má, resolvida a praticar o mal, mesmo que não encontre um bom pretexto, o faz abertamente.*

ENUNCIADO 1: *Um gato que tinha apanhado um galo buscava um pretexto para comê-lo.*

O enunciado revela que não bastava ao gato apanhar o galo e devorá-lo. Era preciso ainda uma razão, mesmo falsa, para justificar a ação. O encadeamento que condensa esse sentido é **encontrar pretexto DC devorar a presa**. Essa argumentação expõe o ponto de vista do gato ao dirigir-se ao galo: havendo uma razão, a morte da ave seria justificada. Nos enunciados seguintes, o felino argumentará nesse sentido.

ENUNCIADO 2: *Acusou-o, então, de importunar os homens, pois suas cantorias durante a noite não os deixavam dormir.*

O gato busca a primeira argumentação para comer o galo. Ao acusá-lo de acordar os homens com seu canto, o gato defende o bloco semântico que reúne o canto do galo à noite e o aborrecimento causado aos homens, que pode ser expresso pelo encadeamento **cantos à noite DC aborrecimento dos homens**. Nota-se o sentido da palavra *cantorias* nesse enunciado (sua argumentação interna): **emissão de sons DC importunação**. Essa definição de *cantorias* é assumida pelo gato. O encadeamento que resume o enunciado é **aborrecimento dos homens por cantorias à noite DC pretexto do gato para devorar a presa**.

ENUNCIADO 3: *O galo respondeu que assim fazia para lhes ser útil, porque os acordava para os trabalhos habituais.*

A resposta do galo evidencia outro posicionamento argumentativo. O galo passa a defender o aspecto con-

verso do encadeamento assumido pelo gato, resultando em **cantos à noite PT neg-aborrecimento dos homens**. É a partir desse encadeamento transgressivo que o galo vai defender outro bloco semântico representado por **cantos à noite DC benefício dos homens**, pois daquele modo os despertava para iniciarem o dia. Agora, a palavra *cantorias* assume outro sentido. Sua argumentação interna pode ser expressa por **emissão de sons DC favorecimento**. Com isso, o encadeamento representativo do enunciado 3 é **benefício dos homens por cantorias à noite DC neg-pretexto do gato para devorar a presa**.

ENUNCIADO 4: *O gato acusou-o, então, de ultrajar a natureza, acasalando-se com a mãe e as irmãs.*

Como não houve contestação do argumento apresentado pelo galo, o gato acusa-o novamente. Para tanto, o felino se posiciona argumentativamente ao assimilar-se ao encadeamento **acasalamentos consangüíneos DC ultraje à natureza**. O encadeamento que resume a argumentação do gato é **ultraje à natureza por acasalamentos consangüíneos DC pretexto do gato para devorar a presa**.

ENUNCIADO 5: *O galo respondeu que só fazia isso no interesse dos donos, porque assim elas botavam ovos em quantidade.*

No enunciado 5 o galo defende-se mais uma vez, utilizando estratégia semelhante àquela do enunciado 3. A ave argumenta por meio do aspecto converso do encadeamento defendido pelo gato, ou seja, propõe **acasalamentos consangüíneos PT neg-ultraje à natureza**. Os acasalamentos consangüíneos deviam-se ao interesse dos donos, e não a sua vontade própria. Logo, não havia ofensas à natureza. Esse posicionamento pode ser traduzido por **acasalamentos consangüíneos em favor dos homens DC neg-ultraje à natureza**. Com isso, o galo introduz o encadeamento representativo do enunciado 5: **acasalamentos consangüíneos por interesse dos donos DC neg-pretexto do gato para devorar a presa**. Dessa maneira, a ave contesta a razão que a levaria à morte.

ENUNCIADO 6: *E o gato disse então: “Ora, talvez tu apresentes muitos e bons argumentos, [...]”.*

Nesse enunciado, o gato rende-se à estratégia argumentativa do galo. Reconhece-a ao predicar os argumentos como *muitos e bons*, o que resultaria em **apresentação de muitos e bons argumentos DC neg-pretexto do gato para devorar a presa**. Porém, o gato deixa transparecer certa dúvida que desautoriza a convicção desse encadeamento, efeito alcançado pela presença de *talvez*. Com a presença de *mas* no enunciado seguinte, a dúvida se desfaz.

ENUNCIADO 7: “[...] *mas eu não deixarei de comer-te*”. *E o devorou*.

O *mas* evidencia a articulação entre os enunciados 6 e 7, invertendo a orientação argumentativa. O ponto de vista do gato é **apresentação de muitos e bons argumentos PT pretexto do gato para devorar a presa**, ou seja, o felino identifica-se com a transgressão da norma (representada por **apresentação de muitos e bons argumentos DC neg-pretexto do gato para devorar a presa**).

ENUNCIADO 8 (moral): *A fábula mostra que uma natureza má, resolvida a praticar o mal, [...] o faz abertamente*.

No enunciado 8 o locutor faz referência à “natureza má” como sendo uma generalização a partir da índole do gato. Esse animal cumpriu sua intenção – devorar o galo – mesmo sem encontrar um pretexto. É o que lhe dá a qualificação de “mau”. Atenta-se para o fato de que a oração *resolvida a praticar o mal* constrói sentido junto a *uma natureza má*. É uma natureza má associada à vontade de fazer o mal explicitamente, isto é, sem subterfúgios. A partir daí, chega-se ao encadeamento que concretiza o bloco semântico do enunciado: **natureza má resolvida a praticar o mal DC prática explícita do mal**, assumido pelo locutor. Contudo, o sentido da moral ainda não está completo. Resta o sentido da oração subordinada que vai constituir outra argumentação.

ENUNCIADO 9 (moral – continuação): [...] *mesmo que não encontre um bom pretexto* [...].

O enunciado 9 articula existência de pretexto e prática explícita do mal, numa nova referência ao gato. Rebatido argumentativamente pelo galo, o felino minimiza as contestações e devora a ave.

A presença de negação no enunciado é uma evidência de polifonia, a partir da qual se têm os enunciadores:

- E1: **existência de pretexto DC prática explícita do mal**
 E2: **neg-existência de pretexto PT prática explícita do mal**

O locutor coloca em cena esses enunciadores, mas se identifica com o aspecto transposto em E2, pois não havia razão justa para o galo ser devorado. Por outro lado, concorda com a norma em E1, que admite prática explícita do mal ancorada numa razão, mesmo fictícia.

Portanto, considerando-se que a prática do mal referida no discurso é atribuída à natureza má, chega-se ao encadeamento representativo da moral como um todo (envolvendo os enunciados 8 e 9), articulando existência de pretexto e prática explícita do mal, expresso por **neg-existência de pretexto PT prática explícita do mal**. Dessa maneira, o locutor refere-se às pessoas que, semelhantemente ao gato, não desistem de seus intentos

mesmo sob fortes evidências contrárias, deixando-se conduzir predominantemente pela vontade. A fábula seguinte vai mostrar uma situação semelhante, embora protagonizada por animais diferentes.

O lobo e o cordeiro

Um lobo vira um cordeiro bebendo na margem de um rio, e quis usar de um pretexto para devorá-lo. Para tanto, colocou-se a montante do lugar, e começou a acusá-lo de sujar a água, impedindo-o assim de beber. O cordeiro respondeu que só bebia com as pontas dos beijos e, estando a jusante, seria impossível sujar a água que vinha de cima. O lobo, ao perceber que aquele pretexto tinha falhado, disse então: “Mas, no ano passado, tu insultaste meu pai”. E o cordeiro replicou que na época nem sequer havia nascido. E o lobo lhe disse: “Talvez não te falem argumentos de defesa, mas nem por isso deixarei de comer-te”.

MORAL: *A fábula mostra que, ante a decisão dos que são maus, nem uma justa defesa tem força.*

ENUNCIADO 1: *Um lobo vira um cordeiro bebendo na margem de um rio, e quis usar de um pretexto para devorá-lo.*

O encadeamento que representa esse enunciado é idêntico àquele do enunciado 1 da fábula *O gato e o galo*. Observa-se que as estruturas são as mesmas: um caçador (o lobo ou o gato) vê sua vítima (o cordeiro ou o galo) e pretende devorá-la sob algum pretexto. Logo, a esse enunciado pode ser atribuído o encadeamento **encontrar pretexto DC devorar a presa**.

ENUNCIADO 2: *Para tanto, colocou-se a montante do lugar, e começou a acusá-lo de sujar a água, impedindo-o assim de beber.*

O lobo, numa primeira abordagem de acusação, diz estar impedido de beber a água do rio porque o cordeiro a teria sujado. O sentido de *impedimento* usado pelo lobo pode ser traduzido pela sua argumentação interna **cordeiro bebe a água do rio DC água fica suja**. O pretexto para matar o cordeiro pode ser apresentado por **impedimento do lobo de beber a água do rio DC pretexto do lobo para devorar a presa**, assumido pelo lobo. Na continuação, o cordeiro vai defender-se.

ENUNCIADO 3: *O cordeiro respondeu que só bebia com as pontas dos beijos e, estando a jusante, seria impossível sujar a água que vinha de cima.*

O cordeiro usa duas argumentações para contrapor-se ao lobo. A primeira é que bebia *com as pontas dos beijos*, resultando no encadeamento **beber com as pontas dos beijos DC neg-sujar a água do rio**. A segunda argumentação decorre da impossibilidade de o cordeiro sujar a água do lobo devido às posições em que se encontravam: pela descrição da cena, o rio corria do

lobo para o cordeiro. Esse sentido pode ser apresentado por *estar a jusante DC neg-sujar a água do rio*. Dessa maneira, o cordeiro nega o pretexto do lobo. O sentido produzido pelo cordeiro vem do bloco semântico realizado por *neg-impedimento do lobo de beber a água do rio DC neg-pretexto do lobo para devorar a presa*. Nota-se que o cordeiro afirma o aspecto recíproco ao encadeamento defendido pelo lobo, ambos pertencentes ao bloco *devorar a presa por estar impedido de beber a água do rio*.

ENUNCIADO 4: *O lobo, ao perceber que aquele pretexto tinha falhado, disse então: “Mas, no ano passado, tu insultaste meu pai”.*

Nesse enunciado o lobo admite a argumentação do cordeiro, mas acusa-o novamente. O lobo utiliza-se do *mas* para inverter a orientação argumentativa do enunciado 3, que apontava para a libertação da presa. Nesse momento, o lobo passa a afirmar o bloco semântico realizado por *insulto a familiar do lobo DC pretexto do lobo para devorar a presa*, que será contestado pelo cordeiro.

ENUNCIADO 5: *E o cordeiro replicou que na época nem sequer havia nascido.*

O *e*, nesse contexto, cumpre a função de um *mas* ao inverter novamente a orientação argumentativa anterior – a do lobo. O cordeiro afirma o sentido resultante de *não ser nascido DC impossibilidade de proferir insultos*, que vai orientar para o bloco advindo de *neg-insulto a familiar do lobo DC neg-pretexto do lobo para devorar a presa*. Mais uma vez o cordeiro se assimila ao encadeamento recíproco àquele afirmado pelo lobo, ambos pertencentes ao bloco semântico que articula *insulto a familiar do lobo e pretexto do lobo para devorar a presa*.

ENUNCIADO 6: E o lobo lhe disse: *“Talvez não te faltem argumentos de defesa, [...]”.*

O lobo reconhece a vitória do cordeiro ao produzir o enunciado 6. A conclusão aponta para o sentido resultante de *suficientes argumentos de defesa DC neg-pretexto do lobo para devorar a presa*. Porém, a presença de *talvez* indica possibilidade ou dúvida da conclusão. Essa dúvida será eliminada no enunciado seguinte.

ENUNCIADO 7: *“[...] mas nem por isso deixarei de comer-te”.*

Conforme já se sabe, o *mas* articulador é um inversor da orientação argumentativa. No enunciado 6, tinha-se *suficientes argumentos de defesa DC neg-pretexto do lobo para devorar a presa*, ao qual o lobo vai se opor. Após o articulador, vê-se que o lobo passa a afirmar *suficientes argumentos de defesa PT pretexto do lobo para devorar a presa*, ou seja, afirma o aspecto converso daquele resultante do enunciado 6. Assim, o

lobo desconsidera a argumentação do cordeiro para manter a intenção de devorá-lo.

ENUNCIADO 8 (moral): *A fábula mostra que, ante a decisão dos que são maus, nem uma justa defesa tem força.*

O enunciado 8 é a lição de moral extraída da narrativa. O locutor aborda dois fatores: *a decisão dos que são maus* e *a força* (ou fraqueza) *de uma defesa justa*. *A decisão dos que são maus* é uma referência direta ao comportamento do lobo, pois tinha decidido devorar o cordeiro antes mesmo de buscar algum pretexto. Mesmo sem alcançar êxito por meio de suas argumentações, o lobo mantém a intenção inicial, fazendo-a prevalecer apesar das contestações. *A defesa justa* refere-se às argumentações do cordeiro que objetivavam negar as acusações do lobo. Ao fazê-lo, o cordeiro evidenciava a falsidade de cada argumentação do lobo. No entanto, essa estratégia só atrasou o final já delineado pela *decisão dos que são maus*. O lobo desconsidera o valor das contestações e mantém o seu propósito de devorar a vítima.

O encadeamento representativo desse enunciado decorre da polifonia ali presente. Tomando-se como bloco semântico o sentido proveniente da interdependência entre defesa justa e sua força diante dos que são maus, apresentam-se os enunciadores:

E1: *defesa justa DC força diante dos maus*

E2: *defesa justa PT neg-força diante dos maus*

O locutor concorda com E1 ao admitir que uma justa defesa sobreponha-se a uma decisão equivocada. Nota-se que o locutor se refere à decisão dos que são maus, inacessíveis a qualquer argumentação que os conteste. Por outro lado, o locutor assimila-se a E2, a transgressão da norma. A defesa, mesmo embasada em argumentações válidas, é absolutamente dispensada diante da vontade inflexível dos vilões. Logo, o encadeamento que representa o enunciado 8 é *defesa justa PT neg-força diante dos maus*.

A lição pretendida pelo locutor é um alerta sobre aqueles que se comportam irrefletidamente diante de suas decisões: de nada adiantará contestá-los se já tiverem a vontade direcionada.

Considerações

O que chama a atenção nas duas fábulas analisadas é a simetria entre ambas no que concerne às atitudes dos caçadores (o gato e o lobo) e às atitudes das presas (o galo e o cordeiro). Nota-se como os discursos estão estruturados:

- (i) Há uma intenção do caçador de devorar a vítima sob um pretexto, o qual não vai se mostrar relevante no final;
- (ii) O caçador lança um pretexto;

- (iii) A vítima rebate o caçador, evidenciando o equívoco da acusação;
- (iv) O caçador reconhece que a acusação inicial foi inválida e faz outra;
- (v) Novamente, a vítima contra-argumenta;
- (vi) O caçador reconhece explicitamente a validade das argumentações da presa, mas decide devorá-la mesmo assim.

Além de ambas as fábulas conterem a estrutura acima, apresentam basicamente a mesma moral. Os encadeamentos *neg-existência de pretexto PT prática explícita do mal* (de *O gato e o galo*) e *defesa justa PT neg-força diante dos maus* (de *O lobo e o cordeiro*) revelam blocos semânticos que articulam a atitude dos mais fortes preponderando sobre a atitude dos mais fracos. A partir dessas aproximações, vem a seguinte pergunta: as duas fábulas analisadas têm, então, o mesmo sentido? A resposta é que ambos os discursos, apesar das equiparações, apresentam diferenças quanto aos modos de argumentar. Portanto, não são discursos idênticos como aparentemente se apresentam. Os locutores de *O gato e o galo* e de *O lobo e o cordeiro* mostram meios distintos de argumentar, e é isso que se vai demonstrar.

Em *O gato e o galo*, as contestações são feitas por meio de encadeamentos conversos aos das acusações, ou seja, mantêm o primeiro segmento, negam o segundo e invertem o conector. Por exemplo, citam-se os encadeamentos argumentativos provenientes dos enunciados do gato e do galo representativos dos blocos semânticos:

- BS1 (gato): *cantos à noite DC aborrecimento dos homens*
 (galo): *cantos à noite PT neg-aborrecimento dos homens*
- BS2 (gato): *acasalamentos consangüíneos DC ultraje à natureza*
 (galo): *acasalamentos consangüíneos PT neg-ultraje à natureza*

Reitera-se que o bloco semântico representado pelos encadeamentos é o mesmo, embora realizados sob aspectos distintos (normativos e transgressivos). Em BS1, o sentido vem da interdependência entre cantos à noite e aborrecimento dos homens, como “cantos que causam aborrecimento”; em BS2, o sentido decorre da articulação entre acasalamentos consangüíneos e ultraje à natureza, como “ultraje à natureza devido a acasalamentos consangüíneos”.

Percebe-se, então, que o galo, ao negar o segundo segmento, busca justificativas às acusações do gato. A ave, após a contestação, passa a defender um novo bloco. Exemplificando, ao concordar com o gato sobre as cantorias à noite, mas que eram tidas por ela como positivas por serem úteis aos homens, a ave dá um novo sentido a *cantorias*. Esse novo bloco tem outra norma, representada por *cantos à noite DC benefício dos*

homens. Assim, *cantorias* não tem o mesmo sentido para o gato e para o galo.

Para defender-se da segunda acusação, o galo utiliza a mesma estratégia: transgredir a norma do gato para introduzir um novo bloco, residindo aí as suas justificativas.

Por outro lado, em *O lobo e o cordeiro*, as defesas são feitas por meio de encadeamentos recíprocos, isto é, são negados ambos os segmentos e o conector é mantido. Retomando os blocos semânticos dessa fábula, têm-se:

- BS1 (lobo): *impedimento do lobo de beber a água do rio DC pretexto do lobo para devorar a vítima*
 (cordeiro): *neg-impedimento do lobo de beber a água do rio DC neg-pretexto do lobo para devorar a vítima*
- BS2 (lobo): *insulto a familiar do lobo DC pretexto do lobo para devorar a vítima*
 (cordeiro): *neg-insulto a familiar do lobo DC neg-pretexto do lobo para devorar a vítima*

Nota-se que o cordeiro, diferentemente do galo, nega toda a argumentação. Ele não vai trazer um novo sentido a uma expressão, ou seja, não há introdução de novo bloco semântico. O cordeiro apóia-se em outras argumentações que dão suporte à sua defesa. Por exemplo, ao afirmar que bebia a água do rio *com as pontas dos beiços* e que estava abaixo do lobo quanto à correnteza, o cordeiro contesta a declaração de que sujava a água, impedindo do lobo de bebê-la. Da mesma forma, não ter nascido no ano anterior desautoriza a acusação de ele ter proferido insultos ao pai do lobo naquele período. Portanto, o cordeiro traz justificativas argumentativamente sustentadas para negar completamente as argumentações do agressor.

De posse do que foi tratado até aqui, conclui-se que as fábulas analisadas são discursos distintos, cada um apresentando uma forma de argumentar. Em *O gato e o galo* são usados encadeamentos conversos de um mesmo bloco semântico para ser proposto um novo sentido a dada expressão; já em *O lobo e o cordeiro* são apresentadas novas argumentações que justificam a defesa por meio de encadeamentos recíprocos aos da acusação. O leitor, por meio da aplicação da TBS, percebe o modo como os discursos foram construídos argumentativamente, e, dessa maneira, resgata o sentido a partir do próprio discurso.

Referências

- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa. Una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos*: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- DUCROT, Oswald. Enunciação. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.
- _____. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- _____. *Polifonia y argumentación*. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- ESOP. *Fábulas*. São Paulo: Martin Claret, 2004.